



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do projeto de revitalização da Zona Portuária da cidade do Rio de Janeiro**

**Rio de Janeiro-RJ, 23 de junho de 2009**

Ô Sérgio, eu não vou falar do porto porque eu acho que já está repetitivo aqui, todo mundo falou tanto do porto e você termina falando do Vasco, Sérgio, não foi uma coisa... Parece que o cenário aqui está mais para flamenguista do que para Vasco da Gama, apesar de eu ser vascaíno aqui. É porque eu sou corintiano em São Paulo. Então, sofrer lá, soffro aqui. Um ano o Corinthians vai para a Segunda Divisão, o outro ano vai o Vasco, um outro ano o Corinthians é campeão, no ano seguinte é o Vasco. Vamos levando. E depois o Flamengo já tem gente demais. Então, é preciso a gente repartir um pouco com os outros porque senão vai ter só Flamengo aqui no Rio de Janeiro e precisa ter gente para perder do Flamengo, né? Por isso precisa criar aqui...

Mas eu quero cumprimentar o companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

Os companheiros ministros que me acompanham aqui, o Luiz Barretto, do Turismo; o Marcio Fortes, das Cidades; e o Pedro Brito, da Secretaria Especial de Portos,

Cumprimentar o nosso companheiro Jorge Vianna, presidente do Conselho da Helibras e ex-governador do estado do Acre, e futuro o que quiser, no Acre,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Pezão, o mestre de obras, tocador de obras do governo do estado,

Quero cumprimentar o presidente da Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro, Jorge Picciani,

Nosso companheiro Paulo Duque, senador da República,



O deputado federal Hugo Leal,

Nosso querido companheiro prefeito Eduardo Paes,

Luciano Coutinho, presidente do BNDES, porque muitas dessas bravatas que a gente falou de dinheiro aí, no fundo, no fundo é o Luciano Coutinho que vai poder viabilizar ou não. Então, tem que tratá-lo bem e citar o nome dele aqui.

Quero cumprimentar o Jorge Felipe, presidente da Câmara Municipal do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar todos os secretários municipais. Estou vendo ali o Jorge Bittar, parece mais engenheiro da Petrobras do que secretário de Habitação, e em nome dele eu quero cumprimentar todos os companheiros secretários e secretárias,

Cumprimentar o José Roberto Marinho, presidente da Fundação Roberto Marinho,

O Sérgio Magalhães Giannetto, presidente da Intersindical do porto do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar, sabe, os nossos representantes da Marinha que estão presentes aqui, na pessoa do Almirante Francisco Laranjeira,

Quero cumprimentar a imprensa,

E os amarelinhos, os azuizinhos e os outros dali do meio, que não têm nem azul e nem amarelo,

Quero cumprimentar os trabalhadores, as trabalhadoras, cumprimentar o nosso Chapéu de Couro aqui, tão bem representando o Nordeste brasileiro com esse chapéu, parecendo com o Luiz Gonzaga, ou com o Lampião, ainda vou definir direito a aparência.

Mas, companheiros, eu disse que não ia falar do porto, porque seria muito repetitivo. Mas eu queria, Sérgio, aproveitar aqui e dizer uma coisa para iniciar o meu discurso. O Brasil, nós temos que levar em conta a quantidade de



anos que o Brasil foi governado por gente de mau humor. Gente que levanta azedo de manhã e vai dormir mais azedo ainda. E não é possível você querer ser representante dos outros se você não tem comportamento de maior flexibilidade no seu comportamento diário de levantar os problemas das pessoas e tratar todo mundo como se fossem iguais.

Na verdade, um presidente da República, um governador, um prefeito, um secretário, nada mais é do que cidadão comum que foi eleito para cumprir uma tarefa que nós chamamos de governar, mas a palavra correta deveria ser cuidar. Ou seja, Eduardo Paes, você tem que cuidar do Rio de Janeiro; do mesmo jeito que você cuida da tua casa, você cuida do Rio de Janeiro; do mesmo jeito que você trata os seus filhos, trate as pessoas do Rio de Janeiro. Isso vale para o Sérgio Cabral, isso vale pra mim. É isso que é governar.

Mas ao longo do tempo, nós aprendemos que governar é a distância entre o governante o governado. É a imponência entre o ritual da governança e o ritual da sociedade. Isso nunca dá certo e nunca deu certo.

Eu estava ali vendo, Sérgio, este prédio pintado e aquele ali pintado. E estava vendo o resto pra lá, sem pintar. Estava passando de carro aqui, e eu vi prédios bonitos, históricos sem pintar, caindo o reboco, caindo parte do telhado. E eu fico pensando: isso é economia ou é burrice de quem governou este estado tanto tempo. Porque uma coisa, uma coisa é o governante não ter dinheiro para fazer uma coisa nova, outra coisa é ele não se preocupar em consertar o que já existe. Imagina... e os trabalhadores entendem bem isso, imagina se acontece a quebra de uma telha na casa de vocês e vocês, ao invés de subirem no telhado para trocar a telha, vocês ficarem mudando a cama de lugar. Ou senão colocar um balde para ficar: toc, toc, toc, toc.

Ou seja, é melhor consertar, é mais barato e nós temos experiência. Quem tem carro velho sabe como é que a gente faz. Ou seja, tem um ponto de ferrugem na porta, pelo amor de Deus, mande consertar logo. Porque senão, daqui a pouco você vai deixando, o ferrugem vai comendo, vai comendo, você



coloca bombril, faz um negócio lá, tapa para vender mais barato, engana o coitado, que compra.

É assim, a governança no Rio de Janeiro durante muito tempo. Foi assim. Eu, quando fui ao Complexo do Alemão, a Manguinhos, a Pavão-Pavãozinho eu fiquei triste, porque aquilo 40 anos atrás, há 50, era fazenda. Era fazenda. A irresponsabilidade da classe governante foi tanta, que ela foi permitindo que fosse proliferando a degradação da qualidade de vida do povo, permitindo que ele fosse se apinhando, se apinhando, se apinhando.

E essas coisas, ou o governo intervém rapidamente, quando tem uma casa, quando tem duas, quando tem três, ou quando tiver mil é um problema social, não mexe mais. E aí, Sérgio, todos nós temos culpa, porque não falta vereador para ir defender o cara morar num lugar alagado, na encosta do morro, na beira de um córrego podre. Em época de eleição, vai todo mundo defender: deputado, vereador, prefeito, governador, presidente da República todo mundo vai defender.

Aí, depois, tem um problema social, a gente não sabe resolver porque não tem dinheiro. Muita gente é contra a concessão: “ah, vai fazer concessão, vai privatizar”. Nós não temos muita escolha em determinada situação. Ou a gente faz concessão para alguém que tem capacidade de fazer investimento ou a gente vai ficar mais 20 anos com portos se degradando, caindo aos pedaços.

Então, a governança, na verdade, é você acordar, almoçar, jantar, dormir, tomar café, pensando no que você vai fazer no dia seguinte.

Não há tempo para a gente parar, porque se a gente se acomodar no Palácio... eu conheço bem essa história, se você ficar sentado na cadeira presidencial, não chega no gabinete uma notícia boa. Primeiro, que o pessoal traz uma penca de jornal para ler. Eu vejo manchetes, eu já me assusto. Não, é uma coisa absurda, gente. Hoje, depois da crise econômica que o mundo está passando, hoje a gente teve, no mês de maio, cento e poucos mil empregos



positivos, ou seja, na relação entre demitidos e admitidos (incompreensível). Mas a manchete é o emprego no Senado. Ou seja, é uma perda de valor. É uma coisa que eu não consigo compreender porque a predileção pela desgraça. Tanta coisa boa que acontece no cotidiano do povo brasileiro, do povo do Rio, do povo da cidade do Rio, na vida da gente, mas quando a gente liga uma televisão ou vê um jornal, o que está estampado é a desgraça. É como se ela fosse a única coisa que existisse, e nós sabemos que tem problema. Agora, o fato de você mostrar a desgraça sem apontar um caminho também não resolve. Desgraça pela desgraça também não resolve o problema. Ou seja, muitas vezes um governante vai fazer uma obra desta, e eu tenho dito já aqui, por diversas vezes, o último presidente que fez grandes investimentos na infraestrutura foi no governo Geisel, de 1975 a 1981... a 1979, 80. Depois do Geisel, nós tivemos uma série de governantes que não tiveram condições de fazer investimento porque o governo tinha se endividado na década de 80 e, portanto, o governo teve que começar a pagar a dívida do FMI e o governo não tinha mais como [fazer] investimento. E o País ficou atrofiado.

Então, nesses últimos 25 anos, a gente conseguiu criar – aqui tem muitos deputados, tem ali ex-senadora, deputado – ou seja, durante 25 anos a gente foi criando uma máquina poderosa de fiscalização e a gente foi atrofiando a máquina de execução. Então, hoje você chega num engenheiro do DNIT que tem 30 anos de serviço, ganha R\$ 6 mil por mês. Um auditor, com 25 anos, ganha 14, 15, 17, 18 ou 19. Então você desmontou a máquina pública de execução. As coisas não funcionavam porque não tinha gente para tocar. Bem, nós estamos aqui vivendo um outro momento, e eu comecei a falar isso para dizer ao Sérgio Cabral e ao Eduardo Paes que vocês têm a possibilidade, como eu tive de mudar o paradigma de governança no estado do Rio de Janeiro e na cidade do Rio de Janeiro. Mudar o padrão de governança, acabar com a pirotecnia, tentar fazer as coisas pensando nesta gente, que é quem produz a riqueza deste país e que, muitas vezes, são esquecidos. E manter



essa relação extraordinária de conversar com um grande empresário, e na mesma hora conversar com um trabalhador em igualdade de condições, mostrando que, efetivamente, você governa para todo mundo, mas que nós sabemos que a política tem que ser feita para os mais necessitados do País. Isso a gente não aprende na universidade. Isso a gente aprende vendo a mãe da gente cuidar dos nossos irmãos quando a gente era pequeno. O que uma mãe faz quando tem três, quatro, cinco filhos? Ela vai tratar sempre daquele que está mais fragilizado. É aquele que merece mais aconchego, mais carinho, mais chamego. Não é o que está bem, gordo que nem o Sérgio Cabral, é o fragilizado.

Então, eu queria mostrar um exemplo para vocês, eu queria mostrar um exemplo e queria que a imprensa carioca prestasse atenção, porque esses dias alguém disse que o governo não tinha cumprido a meta do programa Luz para Todos. E é bom falar do Luz para Todos porque tem uma luz aqui na minha cara que, se o cara que instalou ela ficasse dois minutos aqui na frente, ele percebia que eu deveria sair daqui com uma indenização de insalubridade, como nunca na vida alguém recebeu. Mas veja, ontem, Sérgio... E você foi um parceiro extraordinário nisso porque o Rio de Janeiro já cumpriu as metas, do IBGE, do programa Luz para Todos. Mas, veja que engraçado. Em 2004 nós decidimos fazer um programa chamado Luz para Todos, sobretudo no campo, e o IBGE dava um número para nós que tinha mais ou menos 2 milhões de famílias que não tinham Luz para Todos. Nós assumimos o compromisso de atender 2 milhões de famílias. Nós caímos do cavalo porque, quando fomos a campo, descobrimos que não eram 2 mil [milhões], eram 3 milhões, e agora temos 1 milhão para cumprir até janeiro. Mas eu vou dar os números para marcar a cabeça de vocês aqui, uma coisa extraordinária. Só para você ter ideia do que foi gerado de emprego em todo o Programa, no Brasil. Foram gerados 300 mil empregos no programa Luz para Todos desde 2004. Foram utilizados, foram colocados 4 milhões e 620 postes, 4 milhões e 620 mil postes,



Sérgio, foram colocados por este Brasil afora. Nós utilizamos 883 mil quilômetros de fio. Imagine quantas vezes daria para a gente enrolar o planeta Terra, a lua. Oitocentos e oitenta e três mil quilômetros de fio e 708 mil transformadores foram utilizados no Programa, até agora. Mas veja que interessante, Sérgio, veja que interessante: 60% das pessoas atendidas, 61% são pessoas que ganham até 1 salário mínimo por mês, e 36% recebem até 3 salários mínimos por mês. Foram as pessoas que receberam o programa Luz para Todos. Veja que interessante: 96 mil famílias voltaram para o campo, por conta do programa Luz para Todos, 36% tiveram aumento de renda familiar, 34% tiveram melhora nas oportunidades de trabalho e 42% voltaram a estudar à noite. Vejam o milagre de uma coisa simples, que qualquer um poderia fazer. Não precisava ser um torneiro mecânico, poderia ser alguém da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Não precisava ser um torneiro mecânico para perceber que não é possível a gente continuar vivendo à base do candeeiro, na vela, uma lata de refrigerante com uma vela, cheio de querosene, na cara da molecada.

Bem, mas veja um outro dado importante, Sérgio. Isso que é, isso que é fazer a economia crescer. Presta atenção nesses números, porque esses dias eu tive uma reunião em Brasília com o Ministro da Fazenda, com muitos empresários, e eu falei para eles: olha, em vez de a gente ficar desonerando o tanto que a gente está desonerando, é melhor pegar esse dinheiro e dar para os pobres. Na hora em que os pobres tiverem dinheiro e forem comprar, vocês têm que produzir. Eu, às vezes, desonero e vocês não repassam para o custo do produto. Então, é preciso a gente pensar. Nós já desoneramos, neste meu mandato, Sérgio, R\$ 100 bilhões. Imagine R\$ 100 bilhões na mão do povo brasileiro, como a gente ia comer.

Então, é uma coisa que eu aprendi também. Eu fui, agora, para os países da América Central. Sabe qual é a carga tributária da América Central? 9%, 11%, 10%. Olha, um país que tem uma carga tributária de 10%, não tem



Estado. O Estado não existe, o Estado não pode nada. Aliás, o Estado não pode cuidar de nada e eu acho que essa conversa eu vou ter, daqui para a frente, com muitos empresários, para a gente começar a tirar do nosso discurso determinadas coisas, porque nós perdemos 40 bilhões do Orçamento da União para cuidar da Saúde deste país e eu não vi ninguém reduzir o preço, 0,38% da CPMF, eu não vi, e quem perdeu foi esta gente aqui, quem perdeu foi esta gente, porque em vez de 20 UPA, você poderia estar fazendo 100 UPA. A gente queria era levar médico na escola para cuidar das crianças, a gente queria era levar dentista na escola para cuidar das crianças, a gente queria que a criança fizesse teste para saber se precisava de óculos ou não na escola. Mas aí disseram: “Não, se a gente deixar 40 bilhões por ano na mão do Lula, ele vai ganhar as eleições”. Ganhei, e vamos ganhar outra vez. Vamos ganhar outra vez.

O povo não aceita mais mesquinha, o povo não aceita mais baixaria, o povo não aceita mais que as coisas secundárias sejam transformadas em prioritárias e as prioritárias sejam esquecidas. Mas, prestem atenção no número que eu vou dar para vocês, para vocês caírem de costas. Dessas pessoas que receberam o programa Luz para Todos, Sérgio, 78% adquiriram televisor, 73% compraram geladeira e 44% compraram equipamento de som. Certamente os caras queriam ouvir o nosso discurso, aí compraram. Mas veja que mais interessante. No fundo, no fundo, quem ganhou com isso foi a Globo, com o programa Luz para Todos, porque mais mil... 1 milhão e meio de televisores, uma parte deles, certamente, está ligado no plim-plim. Mas veja que interessante aqui. Veja que interessante. Sabe o que significou essa compra de geladeira? Sérgio, presta atenção, Sérgio. Foram comprados, pelas pessoas que receberam luz na sua casa, 1 milhão e 570 mil televisores, 1 milhão e 462 milhões [mil] de geladeiras, e 894 [mil] aparelhos de som, 894 mil aparelhos de som. Um milhão e 462 geladeiras... 462 mil, e 1 milhão e 570 mil televisores. Imaginem o montante de televisores que foram vendidos para as





peessoas que até ontem viviam no século XVIII. Quando a gente colocou a luz, que acendeu, eles entraram no século XXI. Qual é a primeira coisa que o cara foi comprar? Uma geladeira para guardar a sua comidinha, uma televisão para ver os discursos nossos aqui, ver o Vasco jogar, o Flamengo, o Corinthians, o Palmeiras, Santos, ver um desfile de carnaval e, de vez em quando, ver a gente aparecer na televisão também, sabe?

Bem, e foram comprar um aparelho de som, por que quem é que não gosta de um forrozinho, de um sambinha, sabe? Se duvidar, nós gostamos até de música clássica. É que não convida o pobre para o teatro. Teatro é coisa de rico, só entra gente refinada. O pobre, sabe... Pois é, mas é bonito. Eu pensei que eu não gostava de música clássica. Uma vez eu ganhei um prêmio na Áustria e me deram uma entrada para ver um concerto. Eu pensava que consertar era só coisa que estava quebrada, e aí eu descobri que concerto é uma apresentação... Bem, eu fiquei maravilhado com o concerto de violino que eu assisti na Áustria, aí eu passei a gostar de música clássica. Aí depois veio o Pavarotti e popularizou a música erudita, eu fiquei mais charmoso ainda. Agora, espero que o Sérgio Cabral me dê os discos que eu falei, de presente, das músicas.

Mas eu estava dizendo essas coisas porque [está] acontecendo uma coisa no Brasil que nós precisamos prestar atenção. Ou seja, cada real que você der na mão de uma pessoa pobre, aquele real volta automaticamente para o comércio, ele volta para o consumo. Ele, voltando para o consumo, ele vai reativar a economia. Muitas vezes você dá um milhão para uma pessoa, que coloca no banco, não faz nada. Só ele vai ganhar dinheiro. Na hora que você dá um R\$ 100 para cada pobre, dando para mil pessoas, são R\$ 1.000 que voltam para o comércio meia hora depois que o cara pegou o dinheiro, nem que for para um boteco para tomar uma canjebrina. Volta. Ele não vai para o banco, ele não vai para derivativos. Não vai. Ele vai para o comércio, que é isso que nós precisamos para fazer a economia deste país crescer.



Então, eu quero dizer, meu querido prefeito, governadores, secretários, olha, que da parte do governo federal não faltará ajuda para que a gente transforme este porto, sabe, na qualidade que ele era quando aqui tinha rei, tinha imperador, ou seja, tinha... Sabe, não é possível que o Rio de Janeiro, a gente não consiga consertar o Rio de Janeiro, porque faz 30 anos que só aparece o Rio de Janeiro como desgraça, desgraça, desgraça, desgraça. Bala perdida, bala não sei das quantas, caiu não sei das quantas, tiroteio. Não é possível. Isso não é o Rio de Janeiro. Isso é uma parte menor do Rio de Janeiro, é uma parte menor.

E as coisas boas que acontecem no Rio de Janeiro? Vamos mostrar os dois lados. E o Rio de Janeiro, quer queira, quer não, pode ser que outros governadores não gostem, mas a verdade é que quando você fala de Brasil lá fora, as pessoas lembram do Rio de Janeiro. Esse é o dado concreto e objetivo. De cada, acho que dez turistas, nove já passaram pelo Rio de Janeiro, e quem não veio ao Rio de Janeiro, vai voltar ao Brasil outra vez para vir ao Rio de Janeiro. E a verdade é que as pessoas pensam que quem gosta de beleza é turista. Não, quem gosta de beleza é o povo pobre. Os caras acham que a pessoa mora em barraco porque adora. Já teve música “Barracão de zinco”, já teve... Porque antigamente morar numa favela era uma coisa poética, mas agora, agora não. Agora é uma coisa violenta, é uma coisa que a gente precisa tomar muito cuidado.

E o que nós estamos fazendo aqui no Rio de Janeiro, o que nós estamos fazendo aqui no Rio de Janeiro juntos – porque o governo federal não faria sozinho, porque o governador não faria sozinho e porque o prefeito não faria sozinho – só foi possível quando a gente tomou juízo e a gente assumiu o compromisso de trabalhar juntos em benefício do povo do Rio de Janeiro. Todo mundo ganha com isso. E aí os empresários sabem como isso é importante para o Rio de Janeiro, os trabalhadores sabem como é importante para o Rio de Janeiro.



Então, eu fico imaginando, com a recuperação desta área portuária, eu fico imaginando todos estes casarões que estão aqui, bonitos, recuperados, pintados, ocupados, restaurantes, bares, comércio. Os trabalhadores saindo daqui, podendo ir tomar um... o que vocês quiserem tomar ali, sabe, poder passear, poder comprar alguma coisa. É isso o que nós queremos e é isso o que o Rio de Janeiro precisa. O Rio de Janeiro... se tem um estado brasileiro... Todos os estados precisam, mas se tem um estado brasileiro que precisa ser tratado com carinho é o Rio de Janeiro, porque isto aqui já foi a capital, o rei já morou aqui, Dom Pedro já morou aqui. Eles foram embora, a capital foi embora, e o que ficou no Rio de Janeiro? Desesperança, vendida durante quase que um século. E vocês dois, meus companheiros, você, Sérgio Cabral e o Eduardo Paes são a perspectiva de a gente mudar o padrão de governança neste estado, definitivamente, colocar gente que goste do povo mais do que gosta de colocar a sua carinha na televisão.

Um abraço e boa sorte para todos vocês.

(\$211A)